

## A HOMOSSEXUALIDADE FEMININA NA LITERATURA JUVENIL LGBTI<sup>1</sup>

### *THE FEMALE HOMOSEXUALITY IN THE YOUTH LITERATURE*

*Caroline Amaral Amaral<sup>2</sup>  
Paula Regina Costa Ribeiro<sup>3</sup>*

#### RESUMO

Alguns livros juvenis vêm apresentando personagens jovens lésbicas, gays, transgêneros e intersexuais como protagonistas de suas histórias. Frente a isso, há interesse em analisar de que forma a literatura juvenil, enquanto artefato cultural, vem produzindo significados sobre o “ser lésbica”. Utiliza-se da Análise Cultural. As análises estão divididas em duas categorias: produção da feminilidade e produção do desejo afim de tecer apontamentos a partir dos artefatos e fundamentações teóricas. Vê-se que os livros *Diário de uma garota atrevida*, *Amor entre meninas* e *Uma bebida e um amor sem gelo, por favor*, sinalizam a homossexualidade feminina como permeada por regras hetenormativas. Nota-se que existem normas que interpelam a maneira como jovens lésbicas representadas nos livros vivem suas identidades sexuais.

**Palavras-chave:** Literatura Juvenil. Homossexualidade Feminina. Artefato Cultural.

#### ABSTRACT

*Some youth books have been presenting young lesbian, gay, transgender and intersex characters as protagonists of their stories. Faced to that, there is an interest of analyzing in which way the youth literature, as a cultural artifact, has been producing meanings about “being lesbian”. Cultural Analysis has been used. The analyses are divided into two categories: production of femininity and production of desire in order to weave notes from the artifacts and theoretical arguments. It has been noticed that books like *Diário de uma garota atrevida*, *Amor entre meninas* e *Uma bebida e um amor sem gelo, por favor*, signalize the female homosexuality as permeated by heteronormative rules. Note that there are rules that challenge the way young lesbians represented in books live their sexual identities.*

**Keywords:** Youth Literature. Female Homosexuality. Cultural Artifact.

#### DANDO INÍCIO À CONVERSA...

<sup>1</sup> Este artigo é resultante da pesquisa de mestrado, a qual tem como título *Literatura juvenil contemporânea LGBTI: significados sobre identidade de gênero e sexuais*. A dissertação se encontra disponível em <https://argo.furg.br/?BDTD11423>.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Integrante do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE. Pesquisa Financiada pela CAPES. E-mail: [carolinefurgletras@gmail.com](mailto:carolinefurgletras@gmail.com).

<sup>3</sup> Professora Titular do Instituto de Educação e dos Programas de Pós-Graduação Educação em Ciências e Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Coordenadora do Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE, bolsista produtividade 1C. E-mail: [pribeiro.furg@gmail.com](mailto:pribeiro.furg@gmail.com)

Em tempos em que a era digital vem ganhando cada vez mais espaço em nossas vidas, em que a informação se apresenta na distância de um *click* ou mesmo um toque, acredita-se que a literatura impressa ainda tem o seu espaço no que concerne a subjetivação dos sujeitos. Romances, histórias em quadrinhos, crônicas, dentre outros gêneros textuais, ainda são procurados por leitores/as.

No mês de março de 2016, o Instituto Pró-Livro divulgou os dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Dentre as informações produzidas, destaca-se as observações de que pessoas entre 11 a 13, 14 a 17 e 18 a 24 costumam ter o hábito da leitura. O fator que influencia a escolha do livro é a temática, segundo a pesquisa. Ademais, Retratos da Leitura no Brasil (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016) apontam que os livros classificados como juvenis são mais lidos por pessoas entre 11 a 13 e 14 a 17 anos de idade, afirmam também que leitoras/es têm preferência por livros impressos.

Em junho de 2014, o site *GI* publicou uma reportagem com o seguinte título “Editoras apostam em literatura infanto-juvenil gay”<sup>4</sup>. Além de tecer comentários sobre a chegada do livro *Garoto encontra Garoto*, de David Levithan, no Brasil, a reportagem apresenta uma lista com doze livros juvenis que trazem personagens LGBTI (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais). Reportagem essa que impulsionou esta pesquisa.

Estas produções atuais voltadas ao público jovem ratificam o fato de que as diferentes formas de viver as sexualidades e os gêneros têm sido discutidas socialmente. Sabe-se que os debates vão desde a intencionalidade de garantia a direitos civis, como também movimentos que buscam desvalorizar essas identidades (LGBTI), dando-lhes o caráter de anormais. Diante dos livros listados na reportagem, um questionamento surgiu: que significados vem sendo (re)produzidos acerca da homossexualidade feminina nos livros de literatura juvenil contemporâneo?

---

<sup>4</sup> Link da reportagem <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/editoras-apostam-em-literatura-infanto-juvenil-gay-13244487>. Acesso em 31 de março de 2018.

Neste artigo, lança-se um olhar sobre os significados produzidos nos e pelos livros *Diário de uma garota atrevida*, *Uma bebida e um amor sem gelo, por favor* e *Amor entre meninas* que versam sobre a homossexualidade feminina. As análises são tecidas a partir de duas categorias: produção da feminilidade e produção do desejo.

## APORTES TEÓRICOS

A pesquisa está baseada nos Estudos Culturais em uma perspectiva pós-estruturalista que, nas palavras de Ana Carolina Escosteguy, “é um campo de estudos onde diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea” (2004, p. 137).

Entende-se que todas as produções da sociedade são culturais (SILVA, 2010). Cultura é pensada a partir de Stuart Hall (1997), dessa forma, é compreendida como produções de sentidos que são compartilhados socialmente, se configura como um dar e receber significados, uma prática social. Desse modo, livros, revistas, jornais, músicas, dentre outros, se constituem como artefatos culturais, pois são resultados de uma cultura, de processos culturais (SILVA, 2010). Os livros de literatura juvenil são construídos por aspectos históricos, culturais e sociais (SILVA, 2010). Esses artefatos são práticas que (re)produzem significados, sentidos e representações que circulam na sociedade (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003).

Sob um olhar pós-estruturalista, defende-se o entendimento de que não somos sujeitos de gênero e sexualidade definidas no nascimento, de forma inata, mas que ao longo de nossas vidas vamos nos constituindo como tal, assumindo diferentes posições de sujeito. Ao compreender que a construção de nossas identidades se dá de forma múltipla, cambiante e transitória, entende-se que tanto a identidade de gênero, - que consiste na identificação social e histórica dos sujeitos como masculinos, femininos, ambos, ou nenhuma – quanto a identidade sexual – formas como vivemos nossa sexualidade: homossexualidade, pansexualidade, assexualidade, heterossexualidade e etc - são produzidas socialmente em meio a relações de poder.

A produção da identidade é feita de forma relacional, um jogo entre negação do outro e afirmação de si. Identidade e diferença estão imbricadas, pois ao nos produzirmos em uma identidade, estamos nos afastando de outra. Segundo Tomaz Tadeu (2000), é por meio dela que vamos demarcando diferenças, em meio a alteridade. No entanto, ao se dizer lésbica essa não é a única identidade que as personagens possuem, mas, a partir da interseccionalidade, vemos que são personagens brancas e de classe média, assim, essas marcas também contribuem para posicioná-las enquanto sujeitos.

A demarcação da identidade sexual heterossexual é socialmente compreendida como o referente, a norma, sendo a homossexual, por exemplo, vista como “a outra” identidade, posto que “deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados.” (SILVA, 2000, p. 82). Nessa esteira, vemos que socialmente à identidade “natural” (heterossexualidade) são atribuídas características positivas, vista como o destino “correto” aos sujeitos, fazendo com que a homossexualidade seja entendida como “o outro”, o desviante. É nesse aspecto que se compreende as identidades produzidas dentro do jogo da demarcação da diferença, marcadas por hierarquizações.

Ao valer-se de entendimentos advindos da Teoria *Queer*, não se entende que a heterossexualidade seja a identidade que detêm o poder, pois, ninguém o detém, mas o exerce. É justamente essa hierarquização e o binarismo de identidades que a Teoria *Queer* vem questionar. Tal teoria possibilita pensarmos no ultrapassar de fronteiras, questionar os processos de normalização que classificam algumas identidades como normais e outras como abjetas, além de pensar o “entre lugares” (MILKOLCI, 2013).

Sabe-se que a origem do termo lésbica não possui uma origem precisa, no entanto, Norma Morgrovejo (2000), afirma que a palavra tem em seu cerne uma imbricação com a poetisa grega Safo de Lesbos, nascida em Lesbos, ilha do mar Egeu situada diante da costa da Anatólia. Safo declamava poemas que tinham em seus escritos um cunho erótico que se dirigia a homens e às outras mulheres. Segundo estudos feitos por Marlon Silva (2016), assim como a mulher fora pensada, estudada e vista a partir da figura do homem, os saberes acerca da homossexualidade feminina também foram tomados com base na homossexualidade

masculina, o masculino como referência. O que fez com que a homossexualidade feminina fosse marginalizada e até mesmo invisibilizada.

Cabe salientar que por anos a mulher homossexual era classificada como invertida sexual (BEAVOUIR, 2016), termo esse que era usado dentro de uma visão patológica da homossexualidade da mulher. Além de uma visão patológica acerca da homossexualidade feminina, Monique Wittig (1992) aponta que a identidade lésbica fora permeada por normas heterossexuais, visto que era colocada na categoria de “não-mulher”, tendo em vista a crença de que a mulheres nasceram com a responsabilidade de procriação. Segundo Wittig, “asím una lesbiana *deve* ser cualquier outra cosa, una no-mujer, um bo-hombre, um produto de la sociedad y no de la <<naturaliza>>, porque no hay <<naturaliza>> en la sociedad.” (1992, p. 35). Autoras como Monique Wittig (1992) e Norma Mogrovejo (2000) tem apostada em uma visão política acerca da identidade lésbica, em seus estudos as autoras apontam que a relação lésbica seria uma forma de fuga, transgressão do sistema patriarcal, sendo a lésbica pensada a partir do caráter de resistência.

No que tange ao termo empregado, as literaturas pesquisadas se utilizam de diferentes termos como homossexualidade feminina, lesbianidade, lesbiana ou mesmo lesbianismo. Ao compreender que a linguagem não apenas descreve aquilo que nomeio, mas também o constitui (COSTA, 2003), entende-se que a forma como esta identidade é nomeada interpela o modo como a compreendemos. Para a escrita deste artigo utiliza-se dos termos homossexualidade feminina/lésbica. No que concerne às personagens, trabalha-se a partir da forma como as autoras identificam as personagens.

Assim, esta escrita tem como finalidade analisar os significados produzidos e reproduzidos sobre o “ser lésbica” em livros de literatura juvenil, entendo-os como artefato cultural, que são produções resultantes de processos de construções culturais (SILVA, 2010). É nesse âmbito que os artefatos culturais são artefatos produtivos (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003), pois ensinam modos de ser sujeito, que contêm pedagogias culturais. De acordo com Viviane Camozzato, “com a ênfase nas tecnologias, o saber é diluído na massa informacional que circula na sociedade, sendo exteriorizado e, ao mesmo tempo, acessível e

presente na vida das pessoas de variadas maneiras, operando em conjunto com artefatos culturais.” (2014, p. 579), é nesse sentido que os artefatos culturais são veículos de saberes e costumes que circulam na sociedade.

Os livros são direcionados às/aos jovens e trazem em suas narrativas a temática homossexualidade feminina, logo são artefatos que produzem saberes sobre as temáticas que abordam. São livros que compartilham e (re)produzem significados e saberes acerca das questões dos corpos, gêneros e homossexualidade feminina. Sendo assim, busca-se discutir neste artigo o seguinte questionamento: de que forma a homossexualidade feminina vem sendo representada nestes livros juvenis?

## PRODUZINDO OS DADOS DA PESQUISA E APRESENTANDO A ANÁLISE CULTURAL

Analisar-se-ão três artefatos culturais: *Amor entre Meninas*, de Shirley Souza, *Diário de uma garota atrevida*, de Karina Dias e *Uma bebida e um amor sem gelo, por favor*, de Liliane Prata. Como um dos movimentos metodológicos, apresentar-se-ão algumas informações a respeito de cada artefato junto as suas sínteses.

### *Amor entre meninas*



Figura – Livro 1

Capa: Camila Sampaio

Escrito por Shirley Souza<sup>5</sup>, publicado em 2006, traz algumas perguntas feitas por jovens à escritora. A autora categorizou as perguntas em blocos: *será que sou lésbica? Sair do*

<sup>5</sup> Informações sobre a autora estão disponíveis em sua página <http://www.shirleysouza.com.br/index.html>.

*armário e Tudo o que preciso saber sobre o amor entre meninas*. Também há a introdução do livro intitulada *Um beijo delicado* e o capítulo final que é *Ser diferente e conhecer o diferente*. As leitoras fazem perguntas sobre o que caracteriza uma lésbica, como identificar se é ou não, como agir com uma amiga que se diz lésbica, dentre outros questionamentos. Do mesmo modo, há narrativas de jovens que falam sobre como é “ser lésbica”. Além das perguntas, relatos e as respostas dadas pela autora, o livro traz algumas dicas dadas pela autora de como entender a homossexualidade feminina.

### Diário de uma garota atrevida



Figura - Livro 2

Capa: SGuerra Design

Publicado no ano de 2012, o livro de Karina Dias<sup>6</sup> conta a história da jovem Mariana. No início, Mari, como é usualmente chamada, tem um relacionamento com Rodrigo, mas não se sente empolgada. Quando ela viaja para a casa da avó, acaba conhecendo Fernanda, uma garota mais velha. Fernanda foi a primeira mulher por quem Mari se sentiu atraída. Por conta de estar passando as férias na casa da avó, e também porquê Fernanda “fica” com o irmão de Mari, a relação das duas acaba sendo rápida, porém ao longo da história, Mari faz diversas descobertas e estabelece diversos relacionamentos amorosos com diferentes garotas.

<sup>6</sup> Blog da autora <http://www.karinadias.com.br/>

### Uma bebida e um amor sem gelo, por favor



Figura – Livro 3

Capa: Imageria Estúdio/Sara Goldchmit

Livro publicado ano de 2006, autoria de Lillian Prata<sup>7</sup>, conta a história de Marina, uma publicitária de 24 anos. Ela começa a história contando de seu último relacionamento com Gustavo, que não deu certo. Por meio de um *chat* Marina acaba conhecendo Rafaela. Acontecem encontros e desencontros, mas depois as duas acabam assumindo o relacionamento. Porém, mesmo namorando Rafaela, Marina sempre se sente em dúvida quanto a sua identidade sexual.

Para analisar tais histórias, este artigo se vale da Análise Cultural, que permite desnaturalizar as verdades que circulam nos artefatos culturais. Ela é vista como uma forma de olhar para as produções da cultura fazendo com que práticas e discursos culturais sejam objetos de pesquisa. Ela permite olhar para os padrões e regularidades sociais, uma ferramenta metodológica que busca entender a natureza da organização social. Segundo Williams (2012), a Análise Cultural tem a intenção de pensar a respeito da natureza da organização que constitui o complexo das relações entre os sujeitos.

Valemo-nos de tal ferramenta porque, segundo Costa (2010, p. 133): “as sociedades e culturas em que vivemos são dirigidas por poderosas ordens discursivas que regem o que deve ser dito e o que deve ser calado e os próprios sujeitos não são isentos desses feitos.”

Tal metodologia faz com que seja observado o contexto temporal em que vivemos para pensar a respeito das produções que são feitas. Desse modo, os artefatos culturais são produções marcadas por costumes e são veículos de verdades que circulam na sociedade,

---

<sup>7</sup> Para obter mais informações sobre a autora recomendamos o acesso ao seu site <http://www.lilianprata.com.br/bio/>.

produções culturais carregadas de significados e códigos de determinada época. Por conseguinte, a Análise Cultural permite-nos “penetrar nas linguagens” e ‘garimpar’ os significados em uma multiplicidade de histórias e de textos” (WORTMANN, 2007, p. 80, *grifo nosso*).

A visibilidade das diferentes identidades sexuais não é um movimento que ocorre na literatura juvenil de forma isolada, mas que outras produções culturais, anteriores e/ou paralelas a esta pesquisa, possibilitam a análise da multiplicidade sexual sendo tematizada.

No ano de 2003, foi registrada a primeira união estável entre um casal homossexual no Brasil. Esse foi um dos acontecimentos que impulsionaram ainda mais a academia e movimentos sociais a buscar uma lei que garantisse o direito de casais homossexuais de se casarem no civil. No entanto, cabe aqui ressaltar que a luta por acesso a este direito não começou em 2003, mas antes disso. Mesmo diante do primeiro registro que ocorreu na cidade de São Paulo, somente em maio de 2011, a união estável entre pessoas do mesmo sexo foi reconhecida pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

A mídia, em especial as produções de telenovelas, já traziam histórias compostas por personagens gays e lésbicas (de forma mais tímida). A pesquisa de mestrado feita por Fernanda Nascimento da Silva, *Bicha (nem tão) má: representações da homossexualidade na telenovela Amor à Vida*, aponta que as personagens lésbicas e gays estão presentes em telenovelas brasileiras desde 1970.

No ano de 2003, Clara (Aline Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli) formavam um casal de lésbicas na novela *Mulheres Apaixonadas*. Antes de Clara e Rafaela, tivemos as personagens Leila (Sílvia Pfeiffer) e Rafaela (Cristiane Torloni) da novela *Torre de Babel* (1998). Em 2011, ano que a união estável foi reconhecida pelo STF, surgem as personagens Marcela (Luciana Vendramini) e Marina (Gisele Tigre), personagens de *Amor e Revolução*, as duas protagonizaram o primeiro beijo lésbico em canal aberto.

Em 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) passa a obrigar os cartórios a celebrar o casamento civil homossexual fazendo com que a união estável seja convertida em

casamento, para que os assim desejassem. No ano seguinte, temos Marina (Tainá Muller) e Clara (Giovanna Antonielli) da novela *Em Família*. Já em 2015, temos as personagens Teresa (Fernanda Montenegro) e Estela (Nathalia Timberg) que formavam um casal de lésbicas idosas.

Ainda pensando em produções midiáticas, destacamos os filmes *Flores Raras* (2013), *Carol* (2015), *Azul é a cor mais quente* (2013), *Imagine eu e você* (2005), *Tempestade na Estrada* (2011) e *Assunto de meninas* (2003). Além das produções cinematográficas, destacamos as séries *Orange is the new black* (2013), produzida pela Netflix, *Pretty Little Liars* (2010), *Sense8* (2015), *Queer as Folk* (2005). Tais produções sinalizam que o tema das diferentes identidades sexuais é abordado tanto nacionalmente, quanto internacionalmente.

Nessa esteira, vemos que há diferentes movimentos dando visibilidade às “outras” formas de viver os gêneros e as sexualidades. Tendo em vista tais artefatos e acontecimentos, notou-se que as produções culturais também nos educam. Nota-se que há uma preocupação em educar para a sexualidade, especialmente, para as diferenças. Vê-se uma preocupação em compreender, representar e fazer com que a sociedade conviva com as diferentes formas de ser sujeito, nota-se um empreendimento em produzir saberes, pedagogias culturais, sobre a diferenças. Sobre isso, Camozzato (2014, p. 575) afirma que “a pedagogia tem íntima relação com a produção das pessoas que ela se encontra, frequentemente, associada aos temas que vão despontando como importantes para serem pensados no tempo presente”. No entanto, entende-se que estas produções não são produzidas somente na intenção de educação para sexualidade, mas que, também, existe uma rede de interesse e consumo que perpassa estas produções. Para pensar a partir do termo que Tomaz Tadeu (2000) utiliza ao falar da relação de identidade e diferença, entende-se que estas produções não são inocentes.

Durante a leitura dos artefatos para fins de análise, emergiram dois eixos sobre a homossexualidade feminina: produção da feminilidade e a produção do desejo. Parte-se de Marlucy Paraíso (2012), para afirmar que há aspectos que perpassam os livros analisados; assim, “somamos, juntamos, articulamos, estabelecemos relações para ver no que vai dá, para encontrarmos modos de fazer, de obter as informações que necessitamos” (PARAÍSO, 2012,

p. 34). Nessa esteira, como serão articuladas análises dos artefatos e aportes teóricos, para fins de organização, os livros serão nomeados conforme a ordem que foram apresentados neste artigo. Sendo assim, ao mencionarmos Livro 1, estamos nos referindo ao *Amor entre meninas*, Livro 2 refere-se ao *Diário de uma garota atrevida* e, logo, o Livro 3 se trata de *Uma bebida e um amor sem gelo, por favor*.

### **Produção da Feminilidade**

Entende-se que as formas de ser homem e ser mulher em nossa sociedade não são inatas, mas que vamos aprendendo ao longo de nossas vidas, por meio de falas, repreensões, por meio das mais variadas mídias e tantas outras instâncias e discursos que nos permeiam o que a sociedade considera como do feminino e do masculino. Por essa razão, compreende-se que a feminilidade é uma produção, pois, como coloca Simone de Beauvoir, *não se nasce mulher, torna-se mulher*. (2016, p. 11).

Além dos trechos extraídos dos artefatos, considera-se importante analisar as imagens das capas dos livros. Em *Amor entre meninas*, há duas meninas reforçando os adjetivos utilizados pela autora durante o texto, como *delicadeza, docilidade, sensualidade*. O título do livro também é passível de análise, pois traz o título *Amor entre meninas*, como se a relação entre as jovens fosse estabelecida por meio da afeto e carinho. Ademais, a escolha da cor estampada na capa do livro também nos remete às representações universais de feminilidade. Na capa de *Diário de uma garota atrevida*, temos duas jovens de cabelo curto e com roupas pretas, além disso, a não presença da cor rosa, mas sim da cor vermelha. No livro de Liliane Prata, tem-se ilustrações mais abstratas, mas podemos notar a presença da cor vermelha acredita-se simbolizar o desejo, amor, sensualidade, e o desenho da silhueta de duas mulheres.

Percebe-se que a figura da mulher vaidosa e delicada interpelam as personagens, como vê-se no livro 3 e 1, quando Marina (Livro 3) afirma que namorar uma mulher é algo vantajoso, pois “*eu não precisava nem levar meu nécessaire: do rímel à prova d’água ao blush líquido, ela tinha tudo. Nada mais prático*” (PRATA, 2012, p. 165). As autoras se valem de algumas das características que compõem o imaginário a respeito da mulher como

feminina e afável, como vemos no livro 1, quando a autora fala sobre beijar outras garotas “*Estão encontrando uma possibilidade desconhecida e não compreendem quais as implicações de experimentar ou não esse beijo delicado.* (SOUZA, 2012, p. 10). Segundo Simone de Beauvoir (2016), a mulher jovem é cercada pelas expectativas sociais, espera-se que tenha feminilidade em seus atos. Nas palavras da filósofa, socialmente entende-se que “ser feminina é mostrar-se impotente, fútil, passiva, dócil”. Ao adjetivar o beijo de uma jovem como delicado, a autora reproduz o discurso de que a delicadeza é algo inato às mulheres, ou quando Marina diz que namorar com uma mulher é vantajoso por conta das maquiagens, roupas e acessórios, parte-se da ideia de que a vaidade seria uma espécie de essência feminina. No entanto, defende-se que representações universais de feminilidade devem ser colocadas em xeque, pois, corroborando com as palavras de Guacira Louro é necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas. (2014, p. 25).

Ao pensarmos sobre a definição de feminilidade trazida por Simone de Beauvoir, articulada com as narrativas extraídas, nota-se o quanto as representações de feminilidade ainda se fazem presentes na contemporaneidade. Aline Piason (2008), sobre a construção da figura da lésbica, aponta para importância dos movimentos e estudos feministas para debater essas representações e construções marcadas por aspectos sociais, políticos e históricos. Simone de Beauvoir adverte que “a docilidade feminina é, por outro lado, uma noção muito equívoca” (2016, p. 155).

A autora de *Amor entre meninas* (Livro 1) faz alguns comentários a respeito da convivência entre as meninas. Ela fala sobre a aceitação social de demonstração de afeto e carinhos entre amigas, da ida ao banheiro juntas e sobre o fato de que às vezes pode ser “normal” sentir atração pela amiga. Sobre esse último aspecto, a autora faz o seguinte comentário “*Além disso, essa atração pode estar relacionada ao fascínio de “aprender a ser mulher”, trocando e aprimorando com outra pessoa do mesmo sexo os caminhos da feminilidade e da sexualidade feminina*” (SOUZA, 2006, p. 25).

Sobre a questão de “aprender a ser mulher” no contato com outra mulher, Simone de Beauvoir diz que a experiência homossexual feminina durante a juventude “no amor que dedica a uma amiga mais velha, a jovem visa ao seu próprio futuro: quer identificar-se com o ídolo (...)” (BEAUVOIR, 2016, p. 95). Partindo do trecho extraído do artefato cultural e da afirmação de Beauvoir, vê-se que ambas afirmam que as jovens vão se tornando mulheres na interação com *a outra*. Diante disso surgem alguns questionamentos: quais são estes caminhos de feminilidade que a jovem deve chegar? Existem caminhos certos que devem ser seguidos? Segundo Monique Wittig, é preciso distinguir o entendimento de mulher pelo qual se luta e o que se compreende como mulher, “Porque la <<mujer>> no existe para nosotras: es solo una formación imaginaria, mientras que las <<mujeres>> son el produto de una relación social. (1992, p. 38)”.

Ao ver o desejo entre mulheres como uma forma de construção da identidade feminina faz com que haja uma invisibilidade da experiência lésbica. Ou seja, quando uma jovem se relaciona com outra mulher, estaria ela aprendendo a ser mulher para quem? Monique Wittig diz que a lésbica fora vista como alguém que desejava ser um homem - “éramos acusadas de querer ser hombres” (1992, p. 35) - no entanto, a escritora afirma que mesmo a lésbica não sendo identificada dentro da categoria mulher isso não faz com que se torne um homem, pois “negarse a ser una mujer, sin embargo, no significa tener que ser un hombre”. Aline Piason (2008) defende que é preciso atentarmos para diferentes identidades femininas e, ao fazer isso, que se compreenda a homossexualidade como uma das experiências femininas. Ademais, de acordo com Wittig, “no hay posible para alguien privado de una identidad; carece de una motivación interna para luchar, porque, aunque yo sólo luchar com otros, primero lucho para mí mesma.” (1992, p. 39).

As representações “feminilizadas” de lésbicas rompem com a ideia do senso comum de que ao assumir uma posição de sujeito lésbica, a mulher deve se masculinizar em seus acessórios, vestimentas e comportamentos. No entanto, a imagem de uma lésbica “feminina” recai na visão heteronormativa, que são normas que “se voltam a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única sequência sexo-gênero-sexualidade: a centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero”. (JUNQUEIRA, 2013, p. 481).

Judith Butler afirma que “um sentido importante da regulação é que as pessoas são reguladas pelo gênero e que esse tipo de regulação opera como uma condição de inteligibilidade cultural para qualquer pessoa” (2016, p. 267). Independente da identidade sexual dos sujeitos, existem normas comportamentais ainda marcadas no binarismo masculino e feminino. Mais do que uma categoria de análise ou mesmo um conceito, o gênero também pode ser visto como “uma norma reguladora, mas é também uma das regulações a serviço de outras formas de regulações.” (BUTLER, 2016, p. 268). Ao adotar uma postura feminina, a lésbica se aproxima do que seja considerado socialmente aceitável, assim, ao mesmo tempo em que subverte normas, acaba por reiterá-las. No entanto, de acordo com que coloca Mariana Paim (2014), ao criar personagens lésbicas feminilizadas se expõem os limites entre as sexualidades mais aceitáveis socialmente. Mariana Paim entende que tal forma de representar lésbicas pode ser vista de forma “positiva sobre a identidade homossexual e de dissociar a homossexualidade dos estereótipos preconceituosos que a associavam à promiscuidade, à perversão e à masculinização, e como forma de visibilidade.” (2014, p. 78).

Mesmo sendo uma personagem transgressora quanto a sua sexualidade, Marina, de *Uma bebida e um amor sem gelo, por favor*, segue certas normas de gênero. Mariana, de *Diário de uma garota atrevida*, não se mostra tão preocupada em atender os ideais de feminilidade socialmente construídos, contudo, parece que sua “rebeldia” é aceita por se tratar de uma jovem.

O pensamento *queer* favorece o reconhecimento das diferenças, tendo em vista o desejo de resistência quanto a imposições socioculturais dominantes (MISKOLCI, 2013). Nesse sentido, assim como sustenta-se a ideia de que existem diferentes formas de ser homem e mulher em nossa sociedade, logo, também há riqueza nas diferentes formas de ser lésbica. Estudos feitos por Lenise Borges e Mary Spink (2009), Ismênia Holanda e Antônio Paiva (2015) e Aline Paison (2008) vem apontando que é preciso discutir as representações de sujeitos lésbicas na contemporaneidade a fim de que tal identidade seja vista também como experiência feminina, abandonando a visão única de masculinização. Mariana Paim (2014) afirma que verbalizar o desejo por mulheres também perpassa pela afirmação da identidade feminina, dada importância da dissociação da homossexualidade feminina da ideia de

invertida sexual, que, em seu entendimento, contribuiu para representação da lésbica com traços ligados à masculinidade.

Ismênia Holanda e Antônio Paiva (2015) dizem que a escrita de histórias voltadas às mulheres lésbicas se constitui como um movimento recente, são em sua maioria histórias que vem buscando representar lésbicas que se afastem de uma visão estigmatizada. No livro 1, uma jovem faz a seguinte pergunta a autora “ser lésbica significa ter visual e atitudes masculinizadas?”, e assim a autora lhe responde que não e afirma que existem algumas garotas que optam por um visual que a autora classifica como “mais radical”, e diz “*Mas, cada vez mais, meninas que gostam de meninas mostram-se femininas, delicadas, sedutoras... Afinal, o que as atrai em outras garotas, normalmente, é essa feminilidade que tanto as distância dos garotos.*” (SOUZA, 2006, p. 40).

Apesar do fato de que a identidade de gênero e sexual estarem inter-relacionadas, se faz necessário compreender que elas não a mesma coisa, pois, de acordo com Guacira Louro “sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, índios, ricos ou pobres etc).” (2014, p. 31). Ao compreender que o gênero é um artifício flutuante (BUTLER, 2003), entende-se que o feminino não se encontra, apenas, no corpo da mulher, mas que é possível encontrar homem feminino, ou uma mulher masculina. Posto que, dada a flexibilidade e fluidez do entendimento de gênero, “não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos” (BUTLER, 2003, p. 24). Quando a autora diz que há quem “opte por um visual mais radical”, ela diz que ao vestir-se de forma mais “masculina”, a lésbica rompe com o que é socialmente esperado da mulher (o uso de saia, maquiagem, vestidos, etc). Em sua narrativa é possível perceber um entrelaçamento entre identidade de gênero e identidade sexual, de modo que, ao vestir-se de forma “masculinizada”, a lésbica estaria mostrando de forma explícita sua homossexualidade, segundo ela.

Ismênia Holanda e Antonio Paiva (2015) defendem que para buscarmos uma maior visibilidade da homossexualidade feminina se faz necessário distanciarmo-nos da

representação naturalizada de lésbica masculinizada. Com isso, não afirmam que é preciso negar essa forma de ser lésbica, mas é preciso atentarmos para a multiplicidade de identidades lésbicas. Pois, ser lésbica não é igual a ser masculina, assim como ser “masculina”, não torna ninguém lésbica.

Assim como observa-se pedagogias culturais acerca das normas de gênero que interpelam a criação destas personagens, em especial a produção da feminilidade da identidade lésbica, também se aponta pedagogias culturais a respeito da produção do desejo lésbico, ou seja, o que o caracteriza, como o “identifica”. Aspecto esse que é o segundo eixo de análise.

## **PRODUÇÃO DO DESEJO**

Neste subitem, procura-se realizar uma discussão e análise acerca da produção do desejo, compreendendo que somos produzidos e nos produzimos como homossexuais, heterossexuais, pansexuais, bissexuais... dentre tantas formas de viver a sexualidade. Assim, defende-se que não há sexualidade que seja inata ao sujeito, mas que vamos nos construindo e reconstruindo sujeitos de sexualidade, com isso, não se afirma que o contexto onde estamos inseridos é definidor de nossa sexualidade, porém, entende-se que somos interpelados pelo contexto em que nos encontramos e podemos nos entender como sujeito de uma sexualidade ou de outra, contudo, ressalta-se que a sexualidade não é algo da essência do sujeito. De acordo com Michael Foucault, a sexualidade não deve ser concebida como “uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar” (FOUCAULT, 2015, p. 115). Assim, a sexualidade é construída em nós e por nós, por meio de diversas instâncias, práticas e discursos que podem, ou não, nos subjetivar.

Quando Mari (Livro 2) é questionada se é lésbica, ela tem a reação de negar, isso se dá pelos significados sociais atrelados a representação<sup>8</sup> de ser lésbica na sociedade, este signo carrega consigo um caráter pejorativo diante do contexto social e temporal que está inserido. Desta forma, mais do que descrever aquilo que nomeia, a linguagem também constitui e interpela seu objeto nomeado, ou seja, “quando alguém ou algo é descrito, explicado, em uma narrativa ou discurso, temos a linguagem produzindo uma “realidade”, instituindo algo como existente de tal ou qual forma.” (COSTA, 2003, p. 42). Nesse sentido, somos produzidos na e pela linguagem. Mariana Paim (2014) diz que a percepção do desejo diferente do heterossexual muitas vezes cria uma ansiedade, pois, a homossexualidade é demarcada pelo viés da diferença, sinalizando o aspecto relacional e emerso em relações de poder que balizam as produções das identidades. *Na minha cabeça eu não era lésbica. O fato de ter experimentado o beijo e o toque de uma mulher não me tornava, necessariamente, lésbica, mas sim uma curiosa moderna.* (DIAS, 2012, p. 31). Além disso, Mari segue afirmando que “*estava na adolescência, descobrindo as minhas vontades, carregada de desejos e expectativas. Os hormônios saindo pelos poros. Por isso, que mal faria provar coisas diferentes?*” (DIAS, 2012, p. 31).

As narrativas acima se aproximam do discurso presente na sociedade de que a juventude é uma fase em que muitos e muitas não definiram sua identidade sexual, um momento de experimentação, ideia que também se faz presente no artefato *Amor entre meninas*, de Shirley Souza. Não é objetivo deste artigo tentar achar motivos que levam às jovens a experiência homossexual. Porém, corroboramos com as palavras de Louro quando ela diz que

Não é possível fixar um momento – seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade – que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação (2014, p. 31).

---

<sup>8</sup> Nesta escrita o conceito de representação é pensado a partir de Marisa Vorraber Costa (2003); representação não diz respeito a um reflexo fiel da realidade, mas sim um processo de produção de diversos significados feitos nos e pelos discursos.

Em suma, não é apenas na juventude que nos é permitida as diversas experiências sexuais, mas que podemos assumir diferentes posições de sujeitos em nossa vida, podendo também assumir diferentes identidades sexuais.

Nesse sentido, ao atentar para estas “novas” produções literárias vê-se rupturas quanto as formas naturalizadas de representar personagens lésbicas. No entanto, estes movimentos de representação não ocorrem apenas para visibilizar a identidade sexual homossexual, mas pensar, assim como defende Aline Piason (2008), que a busca pelo reconhecimento da lesbianidade está imbricada em lutas feministas contra a segregação histórico social à qual as mulheres foram submetidas. Norma Mogrovejo, diz que

*El lesbianismo há sido siempre menos entendido que la homosexualidad masculina, em parte debido a un simple sexismo, em parte porque la mayoría de las investigaciones han descubierto que la incidencia del lesbianismo es más baja que las estimaciones obtenidas para la homosexualidad masculina, las mujeres que ama a otras mujeres son estudiadas com menos frecuencia. (2000, p. 27).*

Nos artefatos analisados, nota-se a constante presença de questionamentos das personagens em compreender a sua sexualidade. Um empenho em encontrar uma origem para o seu desejo. Tal questionamento da personagem corroboram com questão levantada por Aline Piason (2008): o que torna alguém lésbica? Além disso, a fala da personagem traz a ideia de que somos sujeitos de uma sexualidade e assim deveríamos permanecer, contudo, a identidade sexual também é cambiante e mutável.

As narrativas como “*Eu adoro homens. Adoro até demais, porque já tive um monte de relacionamentos baseados apenas na parte física – e, se gosto da parte física, não posso ser gay, certo?*” (PRATA, 2012, p. 103), ou quando Mari afirma “*O problema foi quando essas vontades passaram a ser frequentes*” (PRATA, 2012, p. 31) sinalizam que as produções de significados acerca do ser sujeito lésbica mostram que há certas posturas que são mais aceitas socialmente e outras não. Apontando para comportamentos entendidos normais, e outros vistos como anormais.

A heterossexualidade é tomada socialmente como identidade sexual normal fazendo com as outras formas de viver o desejo sejam vistas como anormais, desviantes. Quando Mari

(Livro 2) diz que sentir atração por uma pessoa do mesmo gênero é algo socialmente condenável ou que tentar reafirma-se enquanto heterossexual “*é uma das formas de proteção, sabe? Para que ninguém desconfie dos nossos desejos, afirmamos a todo momento a nossa heterossexualidade. Convencer os outros é fácil, difícil é sermos convencidas.*” (DIAS, 2012, p. 43), vemos que nossos comportamentos, atitudes e desejos são delimitados por uma matriz heterossexual (BUTLER, 2003), que, no entendimento de Guacira Louro (2013) “delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões” (p. 17). Nas palavras do filósofo Michael Foucault, “a norma não se define absolutamente como uma lei natural, mas pelo papel de exigência e de coerção que ela é capaz de exercer em relação aos domínios a que se aplica (2010, p. 43). Culturalmente acredita-se que a heterossexualidade seja o destino natural de nosso desejo, sendo a homossexualidade anormalidade. Contudo, ter a existência tão naturalizada desta norma heterossexual não é sinônimo de garantia de que todas/os assumamos esta identidade, pois existem aqueles/as que subvertem as normas.

No entanto, ao afastar-se do centro da norma, a homossexualidade não é excluída ou rejeitada de seus domínios e ações, posto que, “a norma não tem por função excluir ou rejeitar” (FOUCAULT, 2010, p. 43), ela possui o caráter de intervenção. Em outros termos, a existência da norma em relação aos sujeitos vistos como desviantes se dá pelo fato de os anormais “se tornarão, então, os alvos preferenciais das pedagogias corretivas e das ações de recuperação ou de punição.” (FOUCAULT, 2010, p. 16). Assim, a existência da norma não se dá apenas para classificar o binarismo normal e anormal, mas ela também faz com que o sujeito dito normal se reitere socialmente como tal, além ser ponto central para o onde o sujeito anormal deve se aproximar.

Vê-se expresso nas narrativas a ideia de que é preciso adequar-se às normas. Seguir os padrões sociais tidos como normais. Além disso, as narrativas nos remetem a discussão de heterossexualidade compulsória a partir de Judith Bulter (2003). Pois, sinaliza o caráter construído e não inato da heterossexualidade. Posto que, não nascemos sujeitos heterossexuais, somos conduzidos a ela. De acordo com Guacira Louro, “o que importa aqui considerar é que – tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as

identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento” (2014, p. 31).

O que nos leva a pensar na ideia de performatividade defendida por Butler (2003). Para ela, as sociedades é que constroem as normas que regulam e materializam o nosso gênero, por sua vez, essas normas não são apreendidas de uma única vez, mas que se faz necessária a repetição, a reiteração destas normas para que elas se concretizem no sujeito. Guacira Louro afirma que as normas que regulam o gênero têm “caráter performativo, isto é, têm poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam e, sendo assim, elas repetem e reiteram, constantemente, as normas dos gêneros na ótica heterossexual (2013, p. 45)

Para Judith Butler, “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados” (2003, p. 48). Ao tomar as palavras de Butler (2003), que coloca o sexo e gênero como equivalentes, sendo ambas construções sociais e históricas, a identidade sexual também apresenta traços de performatividade, ou seja, que se constitui como efeito, uma produção que é imposta por práticas reguladoras.

Observa-se que mesmo rompendo com a norma no que tange a sua identidade sexual, Marina (Livro 3), ainda reproduz discursos carregados de metanarrativas sobre atributos que são socialmente classificados como do universo feminino. O que nos leva as palavras de Judith Butler, “o anormal não possui uma natureza diferente do normal. A norma, ou espaço normativo, não reconhece exteriores. A norma integra tudo o que pretende ir além dela (...)” (BUTLER, 2014, p. 265).

A construção das personagens lésbicas é permeada pelas normas de gênero e sexuais, pela heteronormatividade, pois, nas palavras de Richard Miskolci, é “a ordem do presente, fundada no modelo heterossexual, familiar e reprodutivo”. (2013, p. 46). Em outros termos, Marina apresenta posturas baseadas nas normas sexuais, porque, mesmo se considerando lésbica, ela se vale de comportamentos marcados pela matriz heterossexual. Lenise Borges e Mary Spink (2009) dizem que apesar dos inegáveis avanços no que diz respeito a esta discussão, ainda se faz necessário pensar, desconstruir e desestabilizar algumas representações

que vem sendo feitas, segundo eles, o imaginário do que seja a identidade lésbica ainda está arraigada em visões naturalizadas, fazendo com que pouco se discuta o que é concebido como legítimo ou não. Nas palavras de Norma Mogrovejo, “las relaciones entre mujeres, sean o no explicitamente sexuales, tendem a ser passadas a través del filtro de una hetero-homosexualidad masculina socialmente construída y definida” (2000, p. 38). Desse modo, a identidade lésbica é interpelada não somente por uma matriz heterossexual, mas, também por uma espécie de “homonorma”.

Apesar de serem protagonizadas por personagens lésbicas, vemos que as características, atitudes e falas destas personagens mostram o quanto nossas identidades são balizadas por normas de gênero.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS, MAS QUE NÃO FINDAM AS DISCUSSÕES!**

As categorias destacadas apontam que a homossexualidade feminina nos livros juvenis vem sendo permeadas de representações e significados marcados por normas de gênero. Além disso, mesmo que vistas de forma separadas, podemos perceber que as temáticas que norteiam as categorias perpassam as narrativas de todos os livros. Nesse sentido, a produção do desejo e da feminilidade são significados presentes nos livros, são categorias que balizam a maneira como as personagens são representadas.

Nota-se que cada livro apresenta diferentes maneiras de produzir significados sobre ser lésbicas, em alguns momentos existem reafirmações de estereótipos sociais, como ocorre no livro 1 ao afirmar que lésbicas buscam se assemelhar a homens, no entanto, algumas discussões e problematizações são realizadas, como o acontece no final da história em que Marina (Livro 3) afirma que não se entende como lésbica, heterossexual ou mesmo como bissexual, mas que procura viver a sexualidade sem tentar enquadrar-se em rótulos. Assim, vê-se que os livros analisados, em algumas narrativas, vêm reafirmando algumas verdades socialmente naturalizadas, ao mesmo tempo em que também promovem discussões e rupturas.

Ao voltarmos o olhar para o contexto sócio histórico da produção deste artigo, nota-se que os livros juvenis contemporâneos têm abordado a questão das diferenças, nessa esteira, nota-se que, existe uma necessidade de disciplinar os sujeitos a viver e conviver com os/as diferentes, ao passo que há preocupações em gerir a postura destes diferentes, como foi possível perceber nas análises, em especial no livro 1, que traz dicas, depoimentos e se apresenta como uma espécie de “manual” para as leitoras.

No diz respeito aos três livros, ao narrarem para as leitoras de que forma as personagens se “descobriram” lésbicas, os artefatos acabam por padronizar a maneira como pessoas passam a se compreender como lésbicas. Em outros termos, quando os livros trazem em sua narrativa que as personagens ao se denominaram lésbicas depois que tiveram problemas no relacionamento com homens e depois de beijarem outras mulheres, de certa forma, afirmam que só é possível entender-se lésbica após viver estas experiências. Mas, o que torna uma mulher lésbica? O fato de ter beijado outra mulher? O não-desejo por homens? O desejo por uma amiga? É possível entende-se lésbica sem ter se relacionado com outras mulheres?

Ademais, entende-se que ao falar sobre a homossexualidade feminina os livros produzem pedagogias sobre o ser lésbica configurando-se como artefatos que auxiliam na compreensão de si mesmo e de como a sociedade “enxerga” a homossexualidade feminina. No entanto, cabe ressalvas de que as personagens representadas nos livros não podem ser entendidas como um modelo único e correto de ser lésbica, pois ao estabelecermos arquétipos acabamos reforçando o imaginário social de que existem formas mais adequadas de viver a homossexualidade feminina e o que se almeja é a compreensão e respeito de toda e qualquer maneira de viver a homossexualidade feminina.

Ao criar uma personagem a/o autor/a faz escolhas, ela/ele quem decide quem será representado e quem não será, uma escolha política que produz efeitos na maneira como construímos significados sociais acerca da homossexualidade e damos sentido a eles, por essa razão, entende-se que ao falar sobre o “ser lésbica” os livros produzem certas “verdades” e abandonam outras, pois não é possível representar todas as múltiplas formas de ser lésbica por

meio das personagens. Todavia, ao escolher de que maneira a lésbica será representada se faz necessário ampliar os olhares, abrir brechas, apontar para o múltiplo e não apenas delimitar, cristalizar verdades. Desse modo, compreende-se que o olhar *queer* contribui para pensarmos nas tantas outras formas ser lésbica.

Os livros falam sobre como é “ser lésbica”, mas que, ao mesmo tempo, dão visibilidade aquela lésbica que é sensual, mais “feminina”, personagens marcadas pela heteronormatividade. É como se dissessem “aceitamos a sua sexualidade, a sua diferença, mas aprenda a viver como nós normais”. Aspecto esse que é contestado pela Teoria *Queer*, visto que sua luta política não se limita a defesa da homossexualidade, mas sim uma crítica aos regimes de normalização, problematizando o processo pelos quais alguns sujeitos são vistos como abjetos. Acredita-se que é preciso que os livros tragam tantas outras formas de ser lésbica, que outras representações venham à tona, como uma lésbica transexual, por exemplo, que não está representada em nenhum dos livros analisados. Assim, percebe-se que ao mesmo tempo em que os livros são potentes artefatos para discussões sobre a homossexualidade, eles reproduzem certas verdades socialmente produzidas.

Ao considerar o livro como um artefato cultural que se constitui um veículo que faz circular valores sociais na coletividade, entende-se que o modo como a homossexualidade feminina é representada e os significados que são fabricadas a partir dela podem provocar efeitos na forma como as leitoras veem a si mesma e/ou como veem a sexualidade dos outros/as. Por esse motivo, compreende-se que os livros não são apenas histórias que versam sobre a homossexualidade feminina, mas artefatos produtores de verdades sociais, potentes nos processos de subjetivação e das identidades.

## **BIBLIOGRAFIA ANALISADA**

DIAS, Karina. **Diário de uma garota atrevida**. São Paulo: Editora Malgueta, 2012.

PRATA, Liliane. **Uma bebida e um amor sem gelo, por favor**. São Paulo: Marco Zero, 2012.

SOUZA, Shiley. **Amor entre meninas**. São Paulo: Panda Books, 2006.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: a experiência vivida**. Vol. 2. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BORGES, Lenise Santana; SPINK, Mary Jane Paris. Repertórios sobre Lesbianidade na Mídia Televisiva: desestabilização de modelos hegemônicos?. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 442-452, set/dez. 2009. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309326733018>. Acesso em 24 de agosto de 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Regulações de Gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 42, p. 249-274, jan./junh. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-833320140020249>. Acesso em 24 de Agosto de 2016.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Pedagogias do Presente. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 573-593., abr./jun. 2014. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/34268/28870>. Acesso em 20 de setembro de 2016.

COSTA, Maria Vorraber. Currículo e Política Cultural. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **O Currículo nos Limiares do Contemporâneo**. 3 ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2003. p. 37-68.

COSTA, Maria Vorraber. Sobre as contribuições das análises culturais para a formação dos professores do início do século XXI. **Educar**, Curitiba, n. 37, p. 129-152, maio/ago. 2010. Editora UFPR.

COSTA, Maria Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, São Paulo, n. 23, p. 36-61, maio/jun/jul/ago 2003. Disponível em <http://www.redalyc.org/pdf/275/27502304.pdf>.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomas Tadeu da. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 2 ed. São Paulo: Guerra e Paz, 2015.

FOUCAULT, Michael. Os anormais. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

HALL, S. The Work of Representation. In: \_\_\_\_\_. (Org.) Representation. Cultural Representations and Signifying Practices. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

HOLANDA, Ismênia de Oliveira; PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. A literatura lésbica entre o virtual e o impresso. Dossiê Literatura e Memória. **Arquivos CMD**, v. 3, n. 2., p. 109-131, ago/dez 2015. Disponível em <http://www.culturaememoria.com.br/revista/index.php/cmd/article/view/56>. Acesso em 24 de agosto de 2016.

182

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Literatura no Brasil**, março 2016. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/>. Acesso em 20 de dezembro de 2016.

JUNQUEIRA, Rogério. Pedagogias do Armário: a normatividade em ação. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, Jul/dez 2013. Disponível em: <http://www.esforce.org.br>. Acesso em 24 de Agosto de 2016.

LIMA, Vânia Mara Alves de. Estudos para implantação de ferramenta de apoio à gestão de linguagens Documentárias: vocabulário controlado da USP1. **Revista Transinformação**, Campinas, v. 18, n. 1, p. 17-25, jan./abr. 2006.

LOURO, Guacira Lopes. A Emergência do “Gênero”. In: LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 14-36

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 7-34.

LOURO, Guacira Lopes. Viajantes Pós-Modernos. In: LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p.11-26.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MOGROVEJO, Norma. Para pensar el movimiento lésbico. In: MOGROVEJO, Norma. **Um amor que se atrevió a decir su nombre: La lucha de las lesbianas y su relación com los movimientos homosexual y feminista em América Latina**. México: Plaza y Valdes, 2000.

PAIM, Mariana Souza. **A noite tem mais luzes: considerações sobre a representação do desejo lésbico no romance de Cassandra Rios**. 2014. 86 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Universidade Federal de Feira de Santana. Departamento de Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PROGEL, Bahia.

---

183

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de Pesquisas Pós-críticas e Educação e Currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 23-45.

PIASON, Aline da Silva. **Mulheres que amam mulheres: trajetórias de vida, reconhecimento e visibilidade social às lésbicas**. 2008. 86 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SILVA, Marlon Silveira. **A invenção da inversão: ciência e o desejo entre as mulheres**. 2016. 135 f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e Diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-133.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Os Estudos Culturais e o currículo. In: SILVA, Tomas Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3.ed. Belo Horizonte, 2010. p. 131-138.

WITTIG, Monique. No se nasce mujer. In: WITTIG, Monique. **El pensamiento heterosexual y otros ensayos**. Barcelona – España: Editorial Egales, 1992.